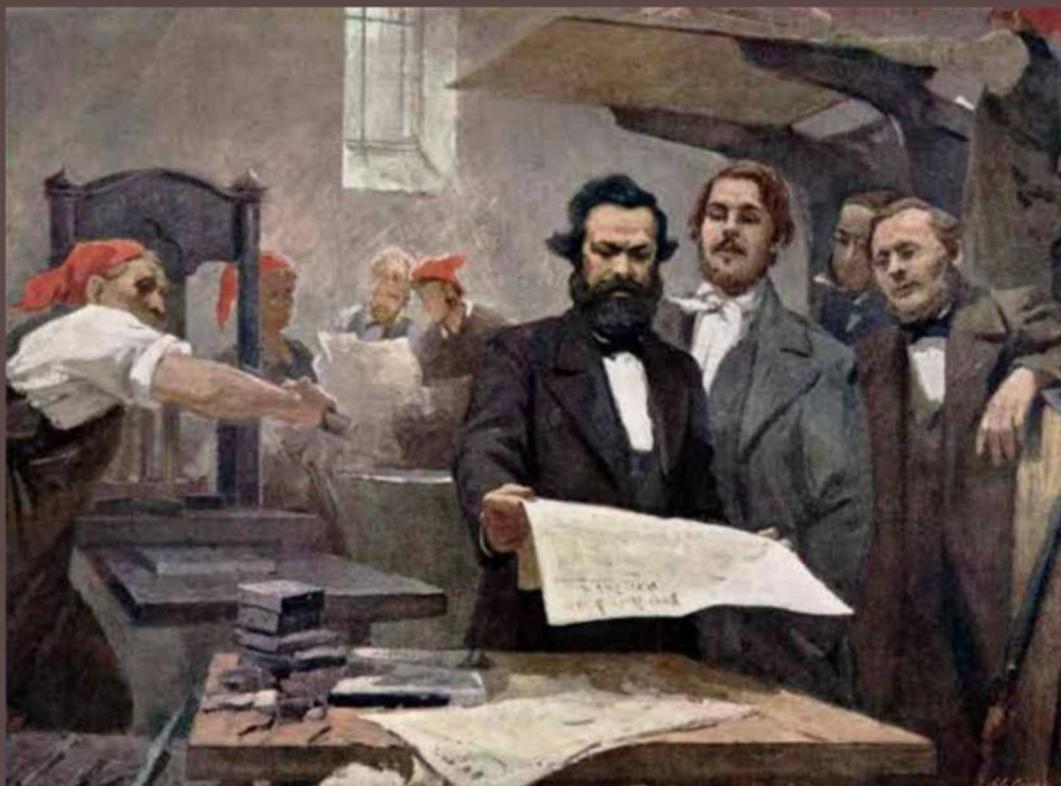


O MANIFESTO COMUNISTA

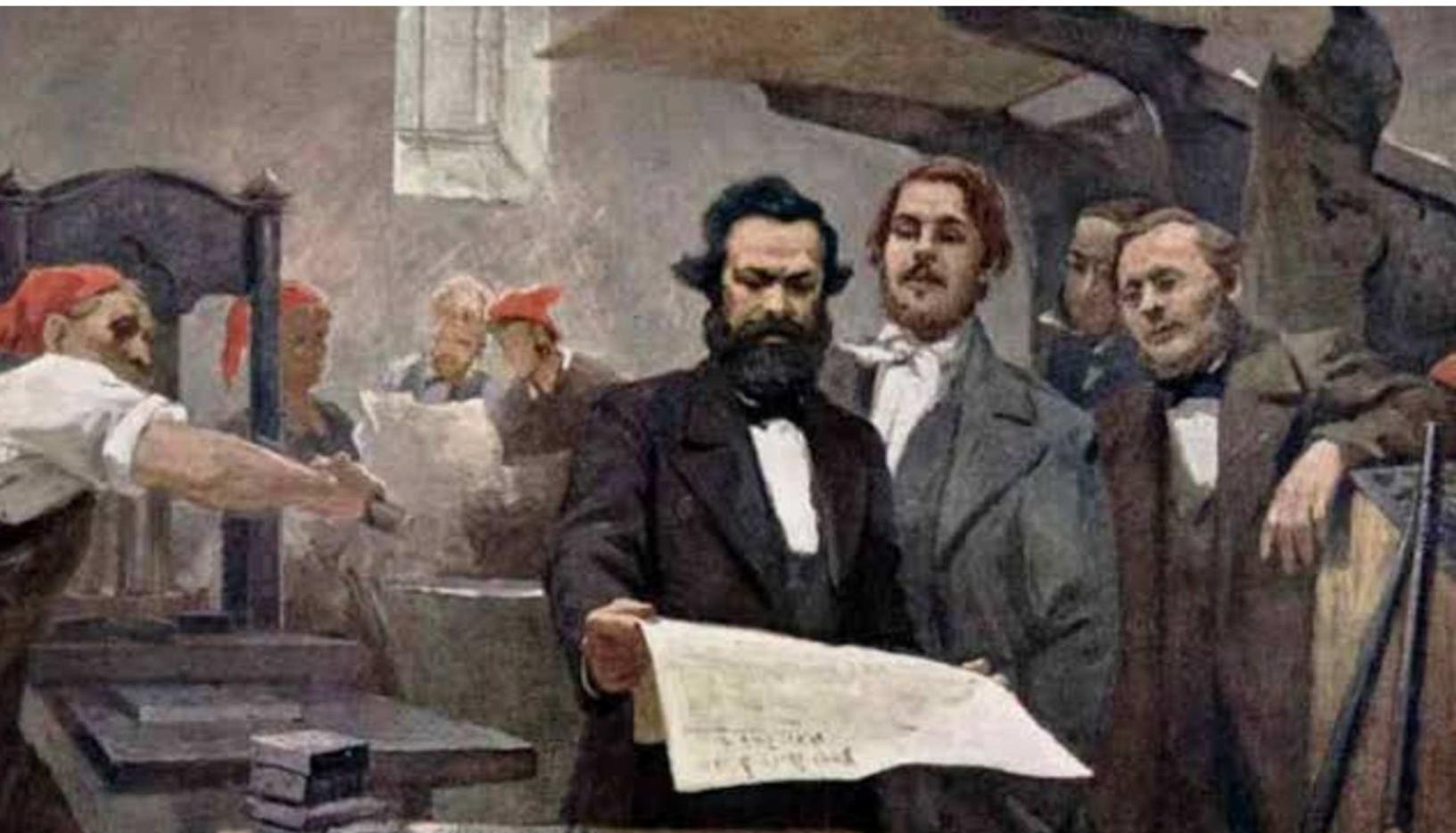


Karl Marx & Friederich Engels

Acervo Digital

UJCdoS

ACERVO DIGITAL

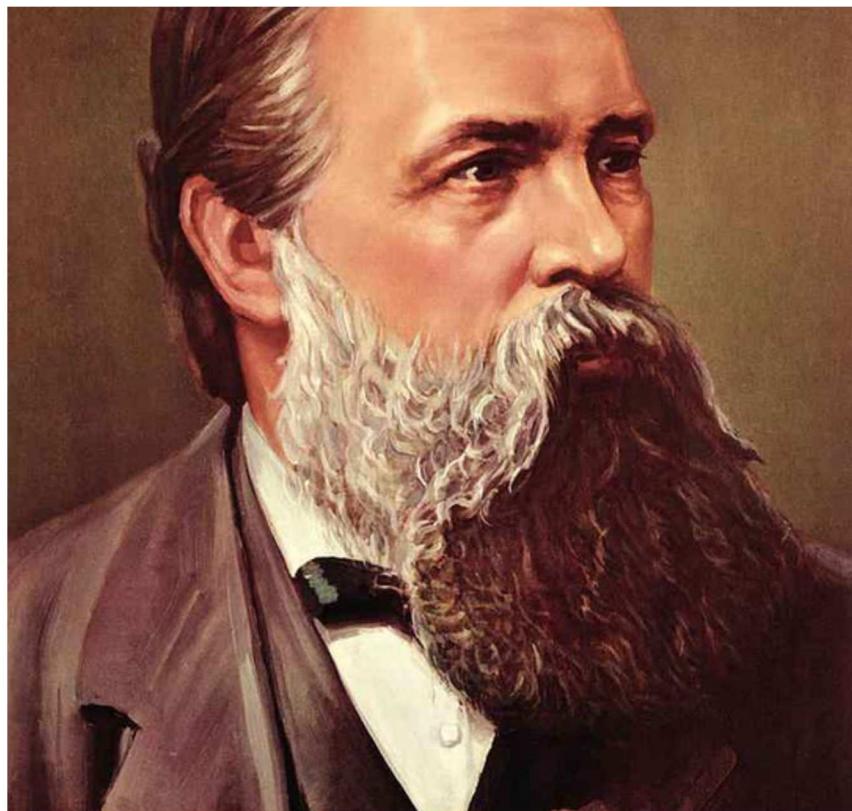
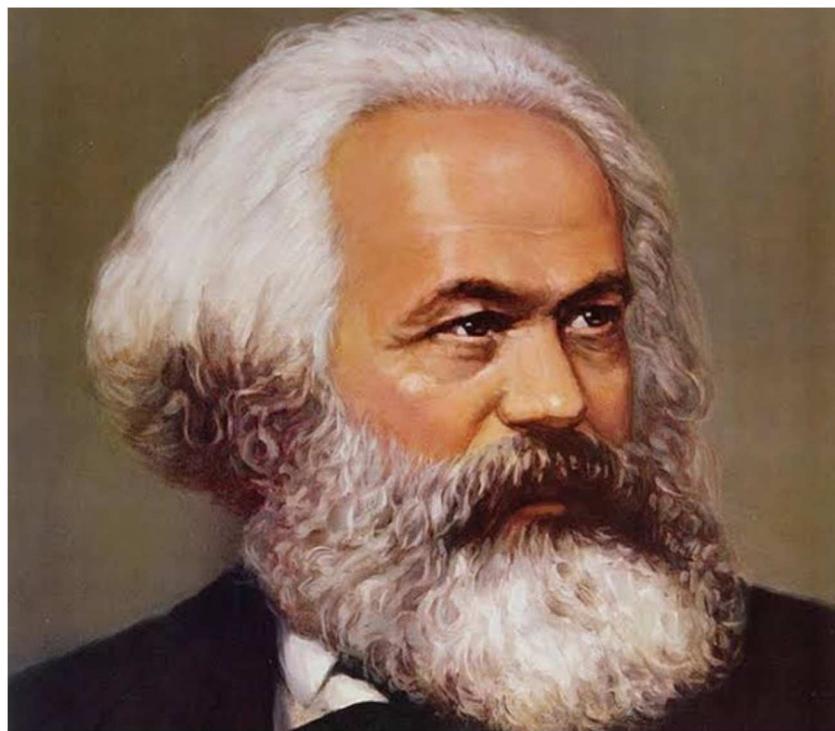




**“SEM TEORIA REVOLUCIONÁRIA
NÃO PODE HAVER MOVIMENTO
REVOLUCIONÁRIO,”**

LÊNIN, “QUE FAZER?” [1902]

LÊNIN



Sumário

Prefácio

Introdução

Burgueses e proletários

Proletários e comunistas

Notas

Sobre os autores

Prefácio

Pouquíssimos livro na história foram capazes de incendiar o mundo como este. *O Manifesto Comunista* não é apenas um texto; é uma arma carregada de futuro, um chamado eterno àqueles que recusam a servidão e ousam desafiar os alicerces apodrecidos do capitalismo. Escrito em 1848 por Karl Marx e Friedrich Engels, este manifesto incendiou o mundo com sua análise implacável da luta de classes, desmascarando as engrenagens da exploração e anunciando, com a força da razão e da revolução, a inevitabilidade da emancipação proletária.

Eis que chegamos ao século XXI, e os senhores do capital, em sua arrogância, acreditaram que haviam enterrado Marx. Mas a realidade é inabalável. O que o Manifesto denunciava há mais de 170 anos persiste e se aprofunda: a concentração obscena de riqueza, o empobrecimento das massas, a devastação do planeta em nome do lucro, a ilusão de liberdade vendida a preços exorbitantes por aqueles que transformaram tudo em mercadoria — até mesmo nossas vidas, nossos sonhos, nosso tempo. O capitalismo, longe de solucionar suas contradições, apenas as expande, como um monstro faminto que devora tudo ao seu redor, incapaz de sustentar-se sem destruir.

É exatamente por isso que esta obra permanece insubstituível. Não se trata de um documento histórico frio, destinado a se encontrar nas prateleiras das bibliotecas. *O Manifesto Comunista* é um grito de guerra, um mapa estratégico para todos que se levantam contra a opressão. Se no passado ele guiou as revoluções que abalaram o mundo, hoje continua sendo um guia para aqueles que compreendem que a história ainda não chegou ao fim, que a batalha não foi vencida e que a burguesia ainda treme, e sempre tremerá - diante do espectro do comunismo e diante da organização da classe trabalhadora.

Alguns dirão que os tempos mudaram, que o proletariado não é o mesmo, que a revolução é uma relíquia do passado. Mas não nos deixemos enganar pelos discursos reformistas e pelas ilusões do consenso burguês. O sistema se adaptou, sim, mas a essência da exploração permanece. O operário exaurido na fábrica, o jovem esmagado pelo desemprego, a trabalhadora precarizada, o estudante sufocado pelas dívidas — todos são herdeiros legítimos dessa luta, e todos encontrarão, neste Manifesto, não apenas uma explicação para sua condição, mas também a chave para sua libertação.

Não nos deixemos paralisar pela dúvida ou pela inércia. A leitura deste livro não é um fim em si mesma, mas um chamado à ação. Não basta compreender o mundo — é preciso transformá-lo. A revolução não virá pelas mãos dos indecisos ou dos acomodados, mas daqueles que estudam, que organizam, que tomam para si a tarefa histórica de romper as correntes da exploração e construir um futuro verdadeiramente livre.

Eis aqui, então, *O Manifesto Comunista* em nossas mãos. Um texto que desafia a passagem do tempo, que se renova a cada nova geração que ousa sonhar e lutar. Que esta leitura sirva como fagulha para incendiar consciências, forjar combatentes e pavimentar o caminho para a vitória do proletariado.

O passado nos ensina, o presente nos convoca, o futuro - nos pertence.

Introdução

Um fantasma ronda a Europa: o fantasma do comunismo. Todos os poderes da antiga Europa uniram-se numa caçada demagógica ao fantasma: o papa e o czar, Metternich e Guizot, os radicais franceses e os espiões da polícia alemã. Onde está o partido oposicionista que não tenha sido desacreditado como comunista por seus oponentes no poder? Onde está a oposição que, uma vez rotulada como comunista, não tenha devolvido esta acusação aos partidos oposicionistas mais avançados e até mesmo aos seus adversários reacionários?

Deste fato resultam duas coisas:

- 1) o comunismo já foi reconhecido por todos os poderes europeus como um poder;
 - 2) já é hora de os comunistas publicarem suas opiniões, suas metas, suas tendências abertamente, para o mundo inteiro, e enfrentar esta lenda do fantasma do comunismo com um Manifesto do próprio partido.
- Com este fim, comunistas de várias nacionalidades fizeram uma assembleia em Londres e esboçaram o seguinte Manifesto, para ser publicado em inglês, flamengo e dinamarquês.

Burgueses e proletários¹

A história de todas as sociedades que já existiram é a história de luta de classes.²

Homem livre e escravo, patrício e plebeu, senhor e servo, chefe de corporação³ e assalariado; resumindo, opressor e oprimido estiveram em constante oposição um ao outro, mantiveram sem interrupção uma luta por vezes aberta — uma luta que todas as vezes terminou com uma transformação revolucionária ou com a ruína das classes em disputa.

Nos primeiros tempos da História, por quase toda parte, encontramos uma disposição complexa da sociedade, em várias classes, uma variada graduação de níveis sociais. Na Roma antiga, temos patrícios, cavaleiros, plebeus, escravos. Na Idade Média, senhores feudais, vassalos, chefes de corporação, assalariados, aprendizes, servos. Em quase todas estas classes, mais uma vez, graduações secundárias.

A sociedade burguesa moderna, que brotou das ruínas da sociedade feudal, não aboliu os antagonismos das classes. Estabeleceu novas classes, novas condições de opressão, novas formas de luta no lugar das antigas.

Nossa época — a época da burguesia — distingue-se, contudo, por ter simplificado os antagonismos de classe. A sociedade divide-se cada vez mais em dois grandes campos inimigos, em duas classes que se opõem frontalmente: burguesia e proletariado.

Dos servos da Idade Média surgiram os burgueses privilegiados das primeiras cidades; a partir dessas primeiras cidades burguesas desenvolveram-se os primeiros elementos da burguesia.

O descobrimento da América e a circum-navegação da África prepararam o terreno para a recém-surgida burguesia. As Índias Orientais e os mercados chineses, a colonização da América, o comércio com as colônias, o aumento dos meios de troca e das mercadorias em geral deram ao comércio, à navegação, à indústria um impulso nunca antes conhecido e, desse modo, um desenvolvimento rápido ao elemento revolucionário na sociedade feudal esfacelada.

O sistema feudal ou corporativo, sob o qual a produção industrial era monopolizada por corporações fechadas, já não bastava mais para a demanda em

crescimento dos novos mercados. O sistema de manufatura veio ocupar este posto. Os chefes de corporação foram afastados pela classe média manufatureira; a divisão de trabalho entre os vários grupos corporativos desapareceu com a divisão de trabalho em cada oficina.

Nesse meio-tempo, os mercados continuaram sempre a crescer, a demanda sempre a aumentar. A manufatura já não era suficiente. Em consequência disso, o vapor e as máquinas revolucionaram a produção industrial. O lugar da manufatura foi tomado pela indústria gigantesca moderna; o lugar da classe média industrial, pelos milionários da indústria, líderes de todo o exército industrial, os burgueses modernos.

A indústria moderna estabeleceu o mercado mundial, para o qual a descoberta da América havia aberto caminho. Este mercado desenvolveu enormemente o comércio, a navegação, a comunicação por terra. Este crescimento afetou novamente a extensão da indústria; e, na mesma medida em que a indústria, o comércio, a navegação e as estradas de ferro se estendiam, a burguesia se desenvolvia, aumentava o seu capital e deixava para trás todas as classes provenientes da Idade Média.

Vemos, portanto, como a burguesia moderna é, ela mesma, produto de um longo curso de desenvolvimentos, de uma série de revoluções nos modos de produção e de troca.

Cada passo no desenvolvimento da burguesia foi acompanhado por um avanço político correspondente. Uma classe oprimida sob a autoridade da nobreza feudal, uma associação autogovernada na comuna⁴ medieval. Aqui, uma república urbana independente (como na Itália e na Alemanha); ali, o “Terceiro Estado” da monarquia, sujeito a impostos (como na França). Depois, no período da manufatura propriamente dita, servindo à monarquia semifeudal ou à monarquia absoluta como um contraponto à nobreza e, na verdade, pedra fundamental das grandes monarquias em geral. A burguesia, afinal, com o estabelecimento da indústria moderna e do mercado mundial, conquistou para si própria, no Estado representativo moderno, autoridade política exclusiva. O Poder Executivo do Estado moderno não passa de um comitê para gerenciar os assuntos comuns de toda a burguesia.

A burguesia, historicamente, teve um papel extremamente revolucionário.

Em todas as vezes que chegou ao poder, pôs termo a todas as relações feudais, patriarciais e idílicas. Desapiedadamente, rompeu os laços feudais heterogêneos que ligavam o homem aos seus “superiores naturais” e não deixou restar vínculoalgum entre um homem e outro além do interesse pessoal estéril, além do

“pagamento em dinheiro” desprovido de qualquer sentimento. Afogou os êxtases mais celestiais do fervor religioso, do entusiasmo cavalheiresco, do

sentimentalismo filisteu, nas águas geladas do calculismo egoísta. Converteu mérito pessoal em valor de troca. E no lugar das incontáveis liberdades reconhecidas e adquiridas, implantou a liberdade única e sem caráter do mercado. Em uma palavra, substituiu a exploração velada por ilusões religiosas e políticas, pela exploração aberta, impudente, direta e brutal.

A burguesia desnudou de sua auréola toda ocupação até agora honrada e admirada com respeito reverente. Converteu o médico, o advogado, o padre, o poeta e o cientista em seus operários assalariados. Ela arrancou da família o seu véu sentimental e reduziu a relação familiar a uma mera relação de dinheiro. A burguesia revelou como a demonstração brutal de força, tão admirada pelos reacionários da Idade Média, pôde encontrar seu complemento perfeito na preguiça mais indolente. Foi a primeira a dar provas do que a atividade humana pode empreender. Realizou maravilhas que superaram de longe as pirâmides egípcias, os aquedutos romanos e as catedrais góticas; conduziu expedições que puseram na sombra todos os êxodos anteriores de nações e cruzadas.

A burguesia não pode existir sem revolucionar, constantemente, os instrumentos de produção e, desse modo, as relações de produção e, com elas, todas as relações da sociedade. A conservação dos antigos modos de produção de forma inalterada era, pelo contrário, a primeira condição de existência de todas as antigas classes industriais. A revolução constante da produção, os distúrbios ininterruptos de todas as condições sociais, as incertezas e agitações permanentes distinguiram a época burguesa de todas as anteriores. Todas as relações firmes, sólidas, com sua série de preconceitos e opiniões antigas e veneráveis foram varridas, todas as novas tornaram-se antiquadas antes que pudessem ossificar. Tudo o que é sólido desmancha-se no ar, tudo o que é sagrado é profanado, e os homens são por fim compelidos a enfrentar de modo sensato suas condições reais de vida e suas relações com seus semelhantes.

A necessidade de um mercado em expansão constante para seus produtos persegue a burguesia por toda a superfície do globo. Precisa instalar-se em todos os lugares, acomodar-se em todos os lugares, estabelecer conexões em todo lugar. A burguesia, por meio de sua exploração do mercado mundial, deu um caráter cosmopolita para a produção e o consumo em todos os países. Para grande desgosto dos reacionários, rebaixou a base nacional da indústria até o rés do chão. As indústrias nacionais antigas foram destruídas ou seguem sendo destruídas dia após dia. Elas são desalojadas por novas indústrias, cuja introdução torna-se questão de vida e morte para todas as nações civilizadas; por indústrias que não mais trabalham com matéria-prima nacional, mas matéria-prima extraída de zonas remotas; cujos produtos são consumidos não só no próprio país, mas em todos os cantos do globo. Em lugar das antigas

necessidades, satisfeitas pela produção do país, encontramos novas necessidades, exigindo para satisfazê-las produtos de terras e climas distantes. No lugar da antiga reclusão e autossuficiência local e nacional, temos conexões em todas as direções, uma interdependência universal das nações. E tanto em produção material como em produção intelectual. As criações intelectuais de nações individuais tornam-se propriedade comum. A parcialidade e a mentalidade tacanha nacional tornam-se sempre mais impossíveis e, das numerosas literaturas nacionais e locais, forma-se uma literatura universal.

A burguesia, pelo aperfeiçoamento rápido de todos os instrumentos de produção, pelos meios de comunicação imensamente facilitados, arrasta todas as nações, até a mais bárbara, para a civilização. Os preços baratos de suas mercadorias são a artilharia pesada com a qual derrubam até mesmo a Muralha da China, com que forçam o ódio intenso e obstinado dos bárbaros contra os estrangeiros a capitular. Compele todas as nações, sob pena de extinção, a adotar o modo de produção burguês. Compele-as a introduzirem o que chama de civilização no seu meio, ou seja, a se tornarem burguesas. Resumindo, cria um mundo à sua imagem.

A burguesia subjugou o país às leis das cidades. Criou cidades enormes; aumentou em grande escala a população urbana, se comparada à rural e, assim, resgatou uma considerável parte da população da idiotia da vida rural. Assim como tornou o país dependente das cidades, tornou países bárbaros e semibárbaros dependentes dos países civilizados, nações de camponeses dependentes de nações burguesas, o Oriente dependente do Ocidente.

A burguesia coloca obstáculos cada vez maiores à dispersão da população, dos meios de produção e da propriedade. Aglomerou populações, centralizou meios de produção e concentrou a propriedade em algumas poucas mãos. A consequência necessária disto foi a centralização política. Províncias independentes, províncias com interesses, leis, governos e sistemas de impostos

separados foram aglomerados em um bloco, em uma nação com um governo, um código de leis, um interesse nacional de classe, uma fronteira e uma tarifa alfandegária.

A burguesia, durante o seu domínio de quase cem anos, criou forças produtivas mais maciças e colossais do que todas as gerações precedentes juntas. Sujeição das forças da natureza pelo homem, maquinarias, aplicação da química na indústria e na agricultura, navegação a vapor, estradas de ferro, telégrafos, remoção do cultivo de continentes inteiros, canalização de rios, populações inteiras conjuradas fora de suas áreas — que século anterior teve, mesmo que fosse um pressentimento, de que tais forças produtivas ficariam inativas no colo do labor social?

Vimos, portanto, que os meios de produção e de troca, nos quais a burguesia erigiu-se, foram gerados na sociedade feudal. Em um certo estágio do desenvolvimento desses meios de produção e de troca, as condições sob as quais a sociedade feudal produziu e trocou, a organização feudal de agricultura

e
indústria manufatureira, resumindo, as relações de propriedade feudais tornaram-se não mais compatíveis com as forças produtivas já desenvolvidas. Tornaram-se grilhões. Tinham de ser estilhaçados. Foram estilhaçados. No seu lugar, entrou a concorrência livre, acompanhada por uma constituição social e política adaptada a ela e sob o controle econômico e político da classe burguesa.

Um movimento similar está acontecendo diante de nossos olhos. A sociedade burguesa moderna, com suas relações de produção, de troca e de propriedade, é como um bruxo que já não controla os poderes do outro mundo por ele conjurado com seus feitiços. Para muitos, a década passada da história da indústria e do comércio é somente a história da revolta das forças produtivas modernas contra as condições modernas de produção, contra as relações de propriedade que são a condição para a existência da burguesia, em seu domínio. Basta mencionar a crise comercial que, com sua periodicidade, põe à prova, cada vez mais ameaçadoramente, a existência de toda a sociedade burguesa. Nas crises comerciais, grande parte, não só dos produtos existentes, mas também das forças produtivas criadas anteriormente, é periodicamente destruída. Nestas crises, surge uma epidemia que, em todas as épocas antigas, teria parecido absurda: a epidemia da superprodução. A sociedade sevê, subitamente, de volta a um estado de barbarismo momentâneo. Seria como se uma escassez, guerra universal devastadora houvesse cortado o fornecimento de todos os meios de subsistência. A indústria e o comércio parecem ter sido destruídos. E por quê? Porque há civilização em demasia, meios de subsistência em demasia, indústrias em demasia, comércio em demasia. As forças produtivas à disposição da sociedade não mais tendem a fomentar o desenvolvimento das condições da propriedade burguesa. Pelo contrário, tornaram-se poderosas demais para estas condições, que as restringem. Assim que se livram desses grilhões, trazem desordem para toda a sociedade burguesa, pondo em risco a existência da propriedade burguesa. As condições da sociedade burguesa são estreitas demais para abranger toda a riqueza que criou. E como faz a burguesia para vencer essas crises? Por um lado, reforça a destruição da massa de forças produtivas; por outro lado, tenta conquistar novos mercados e busca uma exploração mais completa dos antigos. Ou seja, pavimentando o caminho para crises mais extensas e mais destrutivas e diminuindo os meios pelos quais previnem-se crises.

As armas, com as quais a burguesia abateu o feudalismo, voltaram-se contra

a própria burguesia. Mas ela não só forjou as armas que trazem a morte para si própria, como também criou os homens que irão empunhar estas armas: a classe trabalhadora moderna, o proletariado.

Na mesma medida em que a burguesia — isto é, o capital — se desenvolve, também o proletariado se desenvolve. A classe trabalhadora moderna desenvolve-se: uma classe de trabalhadores, que vive somente enquanto encontra trabalho e que só encontra trabalho enquanto o seu labor aumenta o capital. Estes trabalhadores, que precisam vender a si próprios aos poucos, são uma mercadoria como qualquer outro artigo de comércio, e são, por consequência, expostos a todas as vicissitudes da competição, a todas as flutuações do mercado.

Em virtude do uso extensivo de maquinarias e da divisão do trabalho, o trabalho dos proletários perdeu todo o seu caráter individual e, em consequência, todo o estímulo para o trabalhador. Ele se torna um apêndice da máquina e dele só é exigida a habilidade mais simples, mais monótona e mais facilmente adquirida. Por isso, o custo de produção de um trabalhador é restrito, quase completamente, aos meios de subsistência que ele requer para a sua manutenção e para a propagação de sua raça. Mas o preço de uma mercadoria e, portanto, também do trabalho, é igual ao seu custo de produção.

Em proporção, conforme a repulsa do trabalho aumenta, o salário diminui. E ainda, na proporção em que o uso de maquinaria e a divisão de trabalho aumentam, o peso da labuta aumenta, seja pela prolongação das horas de trabalho, seja pelo aumento do trabalho exigido durante um lapso de tempo determinado ou pelo aumento da velocidade da maquinaria etc.

A indústria moderna converteu a pequena oficina do mestre patriarcal na grande fábrica do industrial capitalista. Massas de trabalhadores, comprimidos nas fábricas, são organizados como tropas. Como soldados do exército industrial, são colocados sob o comando de uma hierarquia perfeita de oficiais e sargentos. Não são somente escravos da classe burguesa e do Estado burguês, mas são, a todo dia e a toda hora, escravizados pela máquina, pelo supervisor e, acima de todos, pelo próprio indivíduo fabricante burguês. Quanto mais abertamente este despotismo proclama que o ganho é o seu fim e a sua meta, tanto mais mesquinho, tanto mais odioso e tanto mais amargo ele se torna.

Quanto menos habilidade e força física venha requerer o trabalho manual, isto é, quanto mais se desenvolve a indústria, tanto mais o trabalho dos homens é substituído pelo das mulheres. Diferenças de idade e de sexo não têm mais validade distintiva social para a classe trabalhadora. São todos instrumentos de trabalho, mais ou menos caros, para serem usados de acordo com sua idade e sexo.

Tão logo o trabalhador é explorado pelo fabricante e, no fim, recebe seu salário em dinheiro, ele é atacado pelas outras porções da burguesia, o senhorio, o lojista, o penhorista etc.

A camada mais baixa da classe média, os pequenos comerciantes, lojistas e artífices aposentados em geral, artesãos e camponeses, todos eles se afundam, gradualmente, no proletariado. Em parte, porque seu capital diminuto não basta para a escala na qual a indústria moderna é levada avante, e atola-se na competição com os grandes capitalistas; e, em parte, porque suas especializações se tornaram inúteis com os novos métodos de produção. Assim, o proletariado é recrutado de todas as classes da população.

O proletariado passa por vários estágios de desenvolvimento. Com seu nascimento, começa a sua luta contra a burguesia. No início, a disputa é conduzida pelo indivíduo trabalhador, depois pelos operários de uma fábrica, assim como pelos artífices de uma classe profissional, em uma localidade, contra o indivíduo burguês que os explora diretamente. Eles não dirigem seus ataques apenas contra as relações burguesas de produção, mas também contra os próprios instrumentos de produção. Eles destroem mercadorias importadas que competem com seu trabalho. Despedaçam máquinas. Incendeiam fábricas. Buscam restaurar pela força a condição do operário da Idade Média que desapareceu.

Nesse estágio, os trabalhadores ainda formam uma massa incoerente, espalhada pelo país todo e fracionada pela competição. A união da enorme massa de trabalhadores ainda não é um resultado da sua própria união, e sim o resultado da união da burguesia, que precisa pôr em movimento todo o proletariado para alcançar seus objetivos políticos; e, ao menos por enquanto, ela ainda o pode fazer. Nesta fase, portanto, os proletários não lutam contra seus inimigos, mas os inimigos de seus inimigos, remanescentes da monarquia absoluta, os proprietários de terras, os burgueses neoindustriais, a pequena burguesia. Assim, todo o movimento histórico está concentrado nas mãos da burguesia. Toda vitória obtida assim é uma vitória para a burguesia.

No entanto, com o desenvolvimento da indústria, o proletariado não só aumenta em número, como se torna concentrado em massas maiores; sua força cresce e ele sente mais essa força. Os vários interesses e condições de vida dentro das linhas do proletariado são sempre mais equalizados, na proporção em que a maquinaria cancela todas as distinções de trabalho e, por quase toda a parte, reduz salários para o mesmo nível baixo.

A competição crescente entre os burgueses e a crise comercial resultante fazem os salários dos trabalhadores flutuarem ainda mais. As melhorias incessantes da maquinaria, sempre desenvolvendo-se mais rápido, torna o seu

meio de vida mais e mais precário. As colisões entre indivíduos trabalhadores e indivíduos burgueses tomam cada vez mais o caráter de colisão entre duas classes. Sobre isso, os trabalhadores começam a formar combinações (sindicatos) contra os burgueses. Eles se unem de modo a manter alto o nível dos salários. Fundam associações permanentes de modo a assegurar-se, antecipadamente, para estas revoltas ocasionais. Aqui e ali a contenda manifesta-se em tumultos.

De tempos em tempos, os trabalhadores vencem, mas só provisoriamente. O verdadeiro *fruto* de suas batalhas repousa não no resultado imediato, mas na união cada vez mais abrangente dos trabalhadores. Esta união é favorecida pelos

meios de comunicação mais desenvolvidos, criados pela indústria moderna e que colocam os trabalhadores de localidades diferentes em contato uns com os outros. Era somente este contato o necessário para centralizar as numerosas lutas locais, todas do mesmo caráter, em uma luta nacional entre classes. Mas cada luta de classe é uma luta política. E com essa união para alcançar o que os burgueses da Idade Média, com suas estradas vicinais, precisaram de séculos — os proletários modernos, graças às estradas de ferro, alcançaram em poucos anos.

Esta organização dos proletários em uma classe e, consequentemente, em um partido político, está sendo perturbada, continuamente, pela competição entre os próprios trabalhadores. Mas ela sempre se levanta outra vez, mais forte, mais firme, mais poderosa. Ela força um reconhecimento legislativo dos interesses particulares dos trabalhadores, aproveitando-se das divisões no meio da própria burguesia. Assim foi aprovada na Inglaterra a Lei das Dez Horas.

Em geral, as colisões entre as classes da velha sociedade favorecem, de muitos modos, o curso do desenvolvimento do proletariado. A burguesia encontra-se envolvida em uma batalha constante. Primeiro, com a aristocracia; depois, com estas porções da própria burguesia, cujos interesses se tornaram antagônicos aos progressos da indústria; e em todas as épocas, com a burguesia de outros países. Nestas batalhas, ela se vê compelida a apelar para o proletariado, pedir a sua ajuda e, assim, arrastá-lo para dentro da arena política. A própria burguesia, portanto, fornece ao proletariado seus próprios elementos de educação política e geral, em outras palavras, supre o proletariado com armas

para enfrentar a burguesia. Ademais, como já vimos, parcelas inteiras das classes governantes são lançadas no proletariado pelo avanço da indústria ou pelo menos têm sua existência ameaçada. Isto também supre o proletariado de elementos recentes de formação e de progresso.

Finalmente, em épocas em que a luta de classes beira a sua hora decisiva, o processo de dissolução em desenvolvimento dentro da classe governante, na

verdade, dentro de toda a extensão da antiga sociedade, assume um caráter tão violento, tão penetrante, que uma pequena parcela da classe governante desprende-se e une-se à classe revolucionária, a classe que carrega o futuro em suas mãos. Exatamente como, em uma época anterior, uma parcela da nobreza uniu-se à burguesia, assim, agora, uma parte da burguesia une-se ao proletariado e, em particular, uma parte composta de ideólogos burgueses que chegaram a uma compreensão histórica do movimento como um todo.

De todas as classes que se põem frente a frente hoje com a burguesia, somente o proletariado é uma classe realmente revolucionária. As outras declinam e, finalmente, desaparecem ante à indústria moderna. O proletariado é o seu produto mais autêntico.

A classe média baixa, o pequeno fabricante, o lojista, o artesão, o camponês, todos esses lutam contra a burguesia para não naufragarem. Eles não são, portanto, revolucionários, mas conservadores. E ainda, são reacionários, pois giram a roda da História para trás. Se, por acaso, são revolucionários, eles o são só por terem em vista sua transferência iminente para o proletariado. Deste modo, defendem não os interesses do presente, mas os do futuro. Deserdam seu ponto de vista em prol daquele do proletariado.

A “classe perigosa”, o lúpem-proletariado, essa massa que apodrece passivamente, repudiada pelas camadas mais baixas da antiga sociedade, pode, aqui e ali, ser arrastada para o movimento por uma revolução proletária. Suas condições de vida, contudo, preparam-na muito mais para o papel de uma ferramenta subornada da intriga reacionária.

As condições de vida da sociedade antiga já se encontram destruídas nas condições de vida do proletariado. O proletário não tem propriedade; sua relação com esposa e filhos já não tem coisa alguma em comum com as relações

da família burguesa; o trabalho moderno industrial, a sujeição moderna ao capital, iguais na Inglaterra como na França, nos Estados Unidos e na Alemanha, desnudou-o de todos os traços de caráter nacional. Lei, moralidade, religião são para ele preconceitos burgueses atrás dos quais se escondem os interesses da burguesia.

Todas as classes precedentes, que tiveram o comando, procuraram garantir suas oposições sujeitando a sociedade em geral às suas condições de apropriação. Os proletários não podem se tornar patrões das forças produtivas da sociedade, exceto abolindo seus próprios meios de apropriação anteriores e, de tal modo, também todos e quaisquer outros modos de apropriação anteriores. Eles nada têm para assegurar e fortificar. A missão deles é destruir todas as garantias e seguranças da propriedade individual.

Todos os movimentos históricos anteriores foram movimentos de minorias,

ou no interesse de minorias. O movimento proletário é o movimento autoconsciente, independente da imensa maioria, no interesse da imensa maioria. O proletariado, a camada mais baixa da nossa sociedade atual, não pode sublevar-se, não pode se revoltar, sem que toda a camada dominante da sociedade oficial seja arremessada no ar.

Apesar de não em substância, mas em forma, a luta do proletariado contra a burguesia é antes de tudo uma luta nacional. O proletariado de cada país precisa, claro, primeiro de tudo acertar seus assuntos com sua própria burguesia.

Ao retratar as etapas mais gerais do desenvolvimento do proletariado, podemos acompanhar a guerra civil (ora mais, ora menos velada) dentro da sociedade, até o ponto em que ela irrompe em uma revolução aberta.

Até agora, toda forma de sociedade foi baseada, como já vimos, no antagonismo das classes opressoras e oprimidas. Mas, para oprimir uma classe, certas condições devem ser asseguradas sob as quais ela poderá, ao menos, continuar sua existência submissa. Os servos, no período da servidão, elevaram- se à qualidade de membros da comuna, assim como os pequenos-burgueses, sob o jugo do absolutismo feudal, transformaram-se em burguesia. O trabalhador moderno, pelo contrário, em vez de crescer com o progresso da indústria, enterrou-se sempre mais fundo, abaixo das condições de existência de sua própria classe. Tornou-se pobre e a pobreza cresce mais rápido do que a população e a riqueza. Aqui torna-se evidente que a burguesia é inapta para ser a classe governante da sociedade e para impor suas condições de existência à sociedade como uma lei primordial. É inapta para governar porque é incompetente para assegurar uma existência para os seus escravos dentro da escravatura; porque não consegue evitar de deixá-lo afundar em tal estado, pois ela tem de alimentá-lo, em vez de ser alimentada por ele. A sociedade não pode mais viver sob esta burguesia, em outras palavras, a sua existência não é compatível com a sociedade.

A condição essencial para a existência e para o poder da classe burguesa é a formação e o crescimento de capital. A condição para o capital é o trabalho assalariado. O trabalho assalariado fundamenta-se exclusivamente na competição entre os trabalhadores. O avanço da indústria, cujo promotor involuntário é a burguesia, substitui o isolamento dos trabalhadores, em virtude da competição, pela combinação revolucionária, devido à associação. O desenvolvimento da indústria moderna, portanto, tira de sob seus pés a própria fundação sobre a qual a burguesia produz e apropria-se de produtos. O que a burguesia, portanto, produz, acima de tudo, é seus próprios coveiros. A sua queda e a vitória do proletariado são igualmente inevitáveis.

Proletários e comunistas

Como se posicionam os comunistas em relação aos proletários em geral? Os comunistas não formam um partido separado em oposição a outros partidos das classes trabalhadoras. Eles não estabelecem nenhum princípio específico que pretenda modelar o movimento proletário.

Os comunistas distinguem-se de outros partidos de classes trabalhadoras somente pelo seguinte: 1) nas lutas nacionais de proletários de países diferentes, eles ressaltam e apresentam os interesses comuns de todo o proletariado, independente de nacionalidade; 2) nos vários estágios de desenvolvimento que a classe trabalhadora atravessa em sua luta contra a burguesia, eles representam sempre o interesse do movimento como um todo.

Os comunistas, portanto, em termos práticos, são a parcela mais avançada e resoluta dos partidos de classes trabalhadoras de todo país, aquela que lança todas as outras para frente. Por outro lado, em termos teóricos, eles têm sobre a inestimável massa do proletariado a grande vantagem de entrever a linha da marcha, as condições e os resultados gerais do movimento proletário.

A meta imediata dos comunistas é a mesma de todos os outros partidos proletários: a formação do proletariado em uma classe, a derrubada da supremacia burguesa, a conquista do poder político pelo proletariado. Suas conclusões teóricas não estão baseadas de modo algum em ideias ou princípios que foram inventados, ou descobertos, por este ou aquele futuro reformador universal. Mas são apenas expressões generalizadas das condições de uma luta de classes que existe de fato, de um movimento histórico que se passa diante de nossos olhos.

Todas as relações de propriedade estiveram sujeitas a uma constante transformação e a uma constante mudança histórica. Todas as relações de propriedade do passado têm sido continuamente sujeitas às mudanças históricas consequentes das mudanças de condições históricas. A Revolução Francesa, por exemplo, aboliu a propriedade feudal em favor da propriedade burguesa.

A característica distintiva do comunismo não é a abolição da propriedade em geral, mas a abolição da propriedade burguesa. A propriedade privada da burguesia moderna é a expressão final e mais completa do sistema de produção e de apropriação de produtos, que é baseado no antagonismo de classes, na

exploração de um homem por outro. Neste sentido, a teoria dos comunistas pode ser resumida em uma sentença: abolição da propriedade privada.

Nós, comunistas, temos sido condenados pelo desejo de abolir o direito de pessoalmente adquirir propriedade como fruto do trabalho do próprio homem, quando alega-se que a propriedade é o trabalho de base para a liberdade, a atividade e a independência pessoal.

Propriedade conquistada duramente, dignamente adquirida e merecida! Está se referindo à propriedade do pequeno artesão e do pequeno camponês, uma forma de propriedade que precedeu a forma burguesa? Não é necessário aboli-la. O desenvolvimento da indústria já a destruiu em boa parte e continua, dia após dia, a destruí-la.

Ou trata-se da propriedade privada da burguesia moderna? Mas o trabalho assalariado resulta em alguma propriedade para o trabalhador? De forma alguma. Ele cria capital, ou seja, aquele tipo de propriedade que explora o trabalho assalariado e que não o pode aumentar exceto na condição de gerar um novo suprimento de trabalho assalariado para nova exploração. Propriedade, na sua forma atual, é baseada no antagonismo de capital e trabalho assalariado. Vamos examinar ambos os lados deste antagonismo.

Ser um capitalista é ter não só uma condição puramente pessoal mas uma condição social na produção. O capital é um produto coletivo e só pela ação unida de muitos membros e ainda, como último recurso, é só pela ação unida de todos os membros da sociedade que ele pode ser movimentado. O capital é, portanto, não um poder pessoal, mas um poder social.

Quando, porém, o capital é convertido em propriedade comum, em propriedade de todos os membros da sociedade, a propriedade pessoal não é, de tal modo, transformada em propriedade social. É só o caráter social da propriedade que mudou. Perde o seu caráter de classe.

Vamos, agora, ver o trabalho assalariado.

O preço médio do trabalho assalariado é o salário mínimo, ou seja, essa quantia do meio de subsistência que é requisito absoluto para manter o trabalhador na existência simples como um trabalhador. O que o trabalhador adquire por meio de sua atividade é, pois, o mínimo necessário para a conservação e a reprodução de sua vida humilde. Nós, de modo algum, temos a intenção de abolir esta apropriação pessoal do produto do trabalho, uma apropriação que é feita para a manutenção e a reprodução da vida humana e que não deixa excedente algum que conceda poder sobre o trabalho alheio.

Queremos apenas abolir o caráter miserável desta apropriação, sob a qual o trabalhador vive, meramente, para aumentar capital e permite-lhe viver somente o quanto o interesse da classe governante requer.

Na sociedade burguesa, trabalho para viver não passa de um meio de aumentar o trabalho acumulado. Na sociedade comunista, trabalho acumulado não passa de um meio de ampliar, enriquecer, promover a existência do trabalhador.

Na sociedade burguesa, portanto, o passado domina o presente. Na sociedade comunista, o presente domina o passado. Na sociedade burguesa, o capital é independente e tem individualidade, enquanto a pessoa viva é dependente e não tem individualidade. E a abolição deste estado de coisas é chamada pelos burgueses de abolição da individualidade e da liberdade! É exatamente assim. Trata-se, sem dúvida, da abolição da individualidade burguesa, da independência burguesa e da liberdade burguesa. Por liberdade queremos dizer, sob as condições de produção burguesas atuais: mercado livre, venda livre e compra livre.

Entretanto, se a venda e compra desaparecem, venda e compra livres desaparecem também. Esta conversa sobre venda e compra livres e todas as outras “palavras corajosas” da nossa burguesia sobre a liberdade em geral, tem um significado, se tiver algum, somente em contraste com venda e compra restritas, com os comerciantes restritos da Idade Média. Mas não tem significado se oposta à abolição comunista de compra e venda, das condições de produção burguesas e da própria burguesia.

Vocês estão horrorizados com a nossa intenção de acabar com a propriedade privada. Mas, na sua sociedade, a propriedade privada já acabou para nove décimos da população. A sua existência para os poucos deve-se simplesmente à sua não existência para estes nove décimos. Vocês nos condenam, portanto, pela intenção de acabar com uma forma de propriedade, a condição necessária para aqueles cuja existência é a não existência de qualquer propriedade para a maioria imensa da sociedade. Em resumo, você condena a nossa intenção de acabar com a sua propriedade. Precisamente isso. É essa, exatamente, a nossa intenção. A partir do momento em que o trabalho não pode mais ser transformado em capital, dinheiro, ou aluguel, em um poder social capaz de ser monopolizado; ou seja, a partir do momento em que a propriedade individual não pode mais ser transformada em propriedade burguesa, em capital, a partir deste momento, afirmam vocês, a individualidade desaparece.

Vocês devem, portanto, confessar que por “indivíduo” refere-se simplesmente ao burguês, ao proprietário de classe média. Esta pessoa deve, sem dúvida, ser afastada do caminho e inviabilizada.

O comunismo não priva homem algum do poder de se apropriar de produtos da sociedade. Tudo o que ele faz é privá-lo do poder de subjugar o trabalho de outros por meio de tal apropriação.

Fez-se já a objeção de que com a abolição da propriedade privada cessarão todas as formas de atividade e uma preguiça generalizada se disseminará. Se dermos crédito a este argumento, a sociedade burguesa deveria, há muito tempo, ter se arruinado com a sua ociosidade absoluta. Pois há aqueles, dentre eles, que trabalham e nada adquirem, e aqueles que adquirem qualquer coisa e não trabalham. A ideia completa desta objeção não passa de outra expressão tautológica: não pode mais haver trabalho assalariado quando não há mais capital.

Todas as objeções dirigidas contra o modo comunista de produzir e de se apropriar de produtos materiais têm, do mesmo modo, sido instigadas contra os modos comunistas de produzir e de se apropriar de produtos intelectuais. Como, para o burguês, o desaparecimento da propriedade de classe é o desaparecimento da própria produção, assim, o desaparecimento da cultura de classe é para ele idêntico ao desaparecimento de toda a cultura. Essa cultura, cuja perda ele lamenta, é, para a grande maioria, um mero treinamento para agir como máquina.

Mas não discuta conosco, já que você aplica, à nossa intenção de abolir a propriedade burguesa, os padrões das suas noções burguesas de liberdade, cultura, lei etc.

As suas ideias não passam de um produto das condições de sua produção e propriedade burguesas, exatamente como a sua jurisprudência não passa da vontade de sua classe transformada em lei para todos. Uma vontade cujo caráter e direção essenciais são determinados pelas condições econômicas da existência de sua classe.

A interpretação incorreta induz a transformar em leis eternas da natureza e da razão as formas sociais que brotam do seu modo de produção e da forma de propriedade atuais relações históricas, que surgem e desaparecem no progresso da produção. Esta interpretação incorreta você compartilha com todas as classes governantes que o precederam. O que vê claramente no caso de propriedade antiga, o que admite caso de propriedade feudal, você está, claro, proibido de admitir no caso da sua própria forma de propriedade burguesa.

Abolição da família! Até o mais radical inflama-se em frente desta proposta infame dos comunistas. Sobre qual fundação está baseada a família atual, a família burguesa? No capital, no lucro privado. Na sua forma completamente desenvolvida, esta família existe somente entre os burgueses. Mas este estágio de coisas encontra o seu complemento na ausência prática da família entre os proletários e na prostituição pública. A família burguesa irá desaparecer naturalmente quando o seu complemento acabar e ambos desaparecerão com o fim do capital.

Você nos incrimina de querer terminar com a exploração das crianças pelos pais? Deste crime, confessamo-nos culpados. Mas, dirão vocês, estaremos destruindo a mais abençoada das relações ao trocarmos a educação no lar pela social.

E a sua educação?! Não é ela também social e determinada por condições sociais sob as quais você educa, por intervenção, direta ou indireta, da sociedade, nas escolas etc.? Os comunistas não inventaram a intervenção da sociedade na educação. Eles procuram alterar o caráter dessa intervenção e resgatar a educação da influência da classe governante.

A bazofia burguesa sobre a família e a educação, sobre a abençoada correlação de pais e filhos torna-se ainda mais desagradável à medida que todos os laços familiares entre os proletários são cortados, pela ação da indústria moderna, e seus filhos transformados em simples artigos de comércio e instrumentos de trabalho.

Mas vocês, comunistas, introduziriam comunidades de mulheres!, grita, em coro, toda a burguesia.

O burguês vê em sua esposa um mero instrumento de produção. Ele ouve que os instrumentos de produção devem ser explorados em comum e, naturalmente, só pode chegar à conclusão de que o quinhão de ser comum também chegará às mulheres. Ele nem suspeita de que o verdadeiro ponto a ser mirado é acabar com a condição de que as mulheres são meros instrumentos de produção.

Quanto ao resto, nada é mais ridículo do que a indignação virtuosa de nossos burgueses ante à comunidade de mulheres que, eles fazem de conta, será criada abertamente e oficialmente pelos comunistas. Os comunistas não precisam criar uma comunidade de mulheres, isso sempre existiu desde os tempos imemoriais.

O nosso burguês não contente em ter as esposas e as filhas de seus proletários à sua disposição, sem falar nas prostitutas comuns, sentem grande prazer em seduzir a esposa do outro.

O casamento burguês é, na realidade, um sistema de esposas em comum e, assim, no máximo, a razão pela qual os comunistas poderiam ser condenados é que eles desejam introduzir, em substituição a algo hipocritamente oculto, uma comunidade de mulheres aberta e legal. Quanto ao resto, é evidente por si mesmo que a abolição do sistema atual de produção deve trazer consigo a abolição da comunidade de mulheres que brota desse sistema, ou seja, da prostituição pública ou privada.

Os comunistas são condenados ulteriormente pelo desejo de abolir países e nacionalidades. Os homens trabalhadores não têm país. Não podemos tirar deles

o que eles não têm. Visto que o proletariado deve, primeiro, conquistar a supremacia política, deve se erguer para ser a classe líder da nação, deve constituir, ele próprio, a nação; ele é, até agora, nacional, apesar de não o ser no sentido burguês da palavra.

Diferenças e antagonismos nacionais entre povos estão desaparecendo, dia após dia, em razão do desenvolvimento da burguesia, da liberdade de comércio, do mercado mundial, da uniformidade no modo de produção e nas condições de vida correspondentes. A supremacia do proletariado levará a este fim ainda mais rapidamente. Ação unida dos países civilizados dominantes, ao menos, é uma das primeiras condições para a emancipação do proletariado.

As acusações contra o comunismo feitas de um ponto de vista religioso, filosófico e, geralmente, ideológico não merecem um exame sério. Será necessária uma profunda intuição para entender que as ideias, os pontos de vista e as concessões do homem, resumindo, a consciência do homem muda de acordo com as mudanças nas condições de sua existência material, nas suas relações sociais e na sua vida social?

Na proporção em que a exploração de um indivíduo por outro termina, a exploração de uma nação por outra também terminará. Na proporção em que o antagonismo entre classes dentro da nação desaparece, a hostilidade de uma nação para outra terminará.

O que mais prova a história de ideias do que a produção intelectual muda de caráter na proporção em que a produção material muda? As ideias dominantes de cada época sempre foram as ideias da classe dominante.

Quando as pessoas falam de ideias que revolucionaram a sociedade não expressam o fato de, na antiga sociedade, os elementos de uma nova sociedade terem sido criados e que a dissolução das ideias antigas acompanhou a dissolução das condições de existência antigas.

Quando o mundo antigo dava seus últimos espasmos, as religiões antigas foram superadas pelo Cristianismo. Quando as ideias cristãs sucumbiram, no século XVIII, às ideias racionalistas, a sociedade feudal lutou sua batalha de morte com a então revolucionária burguesia. As ideias de liberdade religiosa e de consciência moral deram expressão ao domínio da competição livre dentro dos domínios do conhecimento.

Sem dúvida, dir-se-á, as ideias religiosas, morais, filosóficas e jurídicas foram modificadas no curso do desenvolvimento histórico. Mas a religião, a moralidade, a filosofia, as ciências políticas e a lei sobreviveram, com firmeza, a esta mudança.

Além disso, existem verdades eternas como a liberdade, a justiça etc., que são comuns a todos os estados da sociedade. Mas o comunismo proscreve as

verdades eternas, proscreve toda religião e toda moralidade, em vez de constituir-las sobre uma nova base. Portanto, age em contradição com todas as experiências históricas do passado. A que esta acusação se reduz? A história de toda a sociedade antiga consistiu no desenvolvimento de antagonismos de classe, antagonismos que assumiram formas diferentes em épocas diferentes.

Mas qualquer que seja a forma que tenham tomado, um fato é comum a todas as épocas passadas, a saber, a exploração de uma parte da sociedade pela outra. Não surpreende, então, que a consciência social das épocas passadas, apesar de toda a multiplicidade e da variedade que exibe, mova-se dentro de certas formas comuns, ou ideias gerais, que não podem desaparecer completamente, exceto com o desaparecimento total dos antagonismos de classe. A revolução comunista é a ruptura mais radical com as relações de propriedade tradicionais. Não surpreende que seu desenvolvimento envolva a ruptura mais radical com as ideias tradicionais. Contudo, deixemos agora as objeções da burguesia ao comunismo.

Vimos, anteriormente, que o primeiro passo para a revolução da classe trabalhadora é conduzir o proletariado à posição de classe governante, para vencer a batalha da democracia. O proletariado usará a sua supremacia política

para arrebatá-la, gradativamente, todo o capital da burguesia, para centralizar todos os instrumentos de produção nas mãos do Estado, ou seja, do proletariado organizado como classe governante, e para aumentar o total de forças produtivas tão rápido quanto possível.

É claro que, no começo, isto não pode ser executado, exceto por incursões despóticas nos direitos de propriedade e nas condições da produção burguesa, por meio de medidas, portanto, que parecem economicamente insuficientes e insustentáveis, mas, no curso do movimento, superam-se, necessitam de ulteriores incursões na ordem social antiga e são inevitáveis como meios de revolucionar inteiramente o modo de produção.

Essas medidas, é claro, não serão as mesmas em todos os países. Contudo, nos países mais avançados, o que se segue será bem-aplicado, de modo geral:

1. Abolição de propriedade em terra e aplicação de todos os aluguéis de terra para fins públicos.
2. Um imposto de renda pesado progressivo ou gradual.
3. Abolição de todo direito de herança.
4. Confisco das propriedades de todos os emigrantes e rebeldes.
5. Centralização do crédito nas mãos do Estado, por meio de um banco nacional com capital do Estado e um monopólio exclusivo.
6. Centralização dos meios de comunicação e transporte nas mãos do Estado.
7. Extensão de fábricas e de instrumentos de produção possuídos pelo Estado; levar o cultivo à terra inculta e a melhoria do solo em geral de acordo com um plano comum.
8. Responsabilidades iguais para todo trabalho. Estabelecer exércitos industriais, em especial para a agricultura.
9. Combinar as indústrias de agricultura com a de manufatura; abolição gradual das distinções entre cidade e campo, com uma distribuição mais igual da população no país.
10. Educação gratuita para todas as crianças em escolas públicas. Abolição do trabalho infantil em fábricas do modo atual. Combinação de educação com produção industrial etc.

Quando, no curso do desenvolvimento, as diferenças de classe tiverem desaparecido e toda a produção tiver sido concentrada nas mãos dos indivíduos associados, o poder público perderá o seu caráter político. O poder político, propriamente chamado, é, meramente, o poder organizado de uma classe para oprimir outra. Se o proletariado se eleva necessariamente à condição de classe dominante em sua luta contra a burguesia e, na condição de classe dominante, tira de cena as antigas relações de produção, então, com isto, ele tira também de cena a condição para a existência da oposição entre as classes e para a própria existência dessas classes. E acaba por abolir seu papel de classe dominante.

No lugar da sociedade burguesa antiga, com suas classes e antagonismos de classe, teremos uma associação na qual o desenvolvimento livre de cada um é a condição para o desenvolvimento livre de todos.

Somente um prelúdio para uma imediata revolução proletária.

Em resumo, os comunistas de toda a parte apoiam todos os movimentos revolucionários contra a ordem social e política das coisas existentes. Em todos esses movimentos se destaca a questão do capital e da propriedade, não

importando qual o grau de desenvolvimento da época. Finalmente, trabalham por toda a parte para a união e concórdia dos partidos democratas de todos os países.

Os comunistas desdenham ocultar suas opiniões e metas. Abertamente, declaram que seus fins só podem ser atingidos pela derrubada violenta de todas as condições sociais existentes. Que a classe governante trema diante da revolução comunista. Os proletários nada têm a perder fora suas correntes; têm o mundo a ganhar.

PROLETÁRIOS DE TODOS OS PAÍSES, UNI-VOS!

Notas

[1]Burguesia significa a classe dos capitalistas modernos, que possuem meios da produção social e empregados assalariados. Proletariado, a classe dos trabalhadores assalariados modernos que, por não ter meios de produção próprios, são reduzidos a vender a própria força de trabalho para poder viver.

[2] Ou seja, toda a História escrita. Em 1847, na Pré-história da sociedade, a organização social existente antes da história documentada era muito conhecida. Desde então, Haxthausen descobriu a propriedade comum da terra na Rússia. Maurer provou que isso foi uma das fundações sociais da qual todas as raças teutônicas começaram na História e, aos poucos, descobriu-se que as comunidades de aldeias eram, ou haviam sido, a forma primitiva da sociedade por toda a parte, da Índia à Irlanda. A organização interna dessa sociedade comunista primitiva foi posta à mostra, na sua forma típica, pela descoberta de Morgan da natureza verdadeira dos clãs e suas relações com a tribo. Com a dissolução dessas comunidades primitivas, a sociedade começa a ser distinguida em classes separadas e, por fim, antagônicas. Tentei reconstituir este processo de dissolução em: *Der Ursprung der Familie, des Privateigenthums und des Staats* [A origem da família, da propriedade privada e do Estado], 2^a ed., Stuttgart, 1886.

³ Chefe de grupo, ou seja, um membro efetivo de um grupo, e não o presidente.

⁴ *Comunne* (comuna) foi o nome usado, na França, pelas cidades nascentes, antes mesmo de terem conquistado de seus senhores feudais o autogoverno e direitos políticos como o Terceiro Estado. Falando de modo geral, pelo desenvolvimento econômico da burguesia, a Inglaterra foi considerada o país típico; e pelo desenvolvimento político, a França.

⁵ Não a Restauração Inglesa de 1660 a 1689, mas a Restauração Francesa de 1815 a 1830.

⁶ Isto aplica-se sobretudo à Alemanha, onde a aristocracia de terras e a fidalguia rural têm grandes porções de suas propriedades cultivadas por conta própria por administradores, e são, além disso, grandes fabricantes de açúcar de beterraba e destiladores de bebida de batata. A aristocracia britânica mais rica

está bem acima disso; mas também sabe como fazer para recuperar aluguéis em declínio, emprestando seus nomes para pessoas fraudulentas de companhias de capital social de reputação mais ou menos duvidosa.

⁷ *Phalanstères* eram colônias socialistas, nos planos de Charles Fourier; *Icária* era o nome dado por Cabet à sua Utopia e, mais tarde, para a sua colônia comunista norte-americana.

⁸

O então chamado partido socialista democrático era representado politicamente por Ledru-Rolin e, literariamente, por Louis-Blanc na França. Ele era muito diferente da atual social-democracia alemã.

Sobre os autores

Karl Marx nasceu em Trier, na Prússia, em 5 de maio de 1818, e morreu em Londres em 14 de março de 1883. Economista, filósofo e socialista alemão, Marx estudou na universidade de Berlim, principalmente a filosofia hegeliana, e formou-se em Iena em 1841. Em 1844, conheceu Friedrich Engels em Paris, com quem estabeleceu uma amizade que durou a vida toda. Foi, no ano seguinte, expulso da França e radicou-se em Bruxelas, onde participou de organizações clandestinas de operários e exilados. Quando estourou a revolução na França, em 1848, Marx e Engels publicaram o folheto *O Manifesto Comunista*, primeiro esboço da teoria revolucionária que depois seria chamada de marxista.

Depois da derrota de todos os movimentos revolucionários na Europa, Marx foi para Paris e, de lá expulso, mudou-se para Londres, onde fixou residência. Em Londres, dedicou-se a estudos econômicos e históricos. Escrevia artigos sobre política exterior para jornais norte-americanos, mas frequentemente tinha problemas financeiros. Foi muito ajudado por Engels, que vivia em Manchester.

Em 1864, Marx foi cofundador da Associação Internacional dos Trabalhadores, depois chamada de Primeira Internacional. Em 1867, publicou o primeiro volume de *O capital*, sua obra principal. Dentro da Primeira Internacional, Marx encontrou a oposição tenaz dos anarquistas, liderados por Bakunin, e, em 1876, a associação foi dissolvida. Em 1875, Marx participou da fundação do Partido Social-Democrata da Alemanha, mas não viveu bastante para assistir às vitórias eleitorais deste partido e de outros agrupamentos socialistas da Europa.

Friedrich Engels nasceu na Prússia, em 28 de novembro de 1820, e morreu em Londres em 5 de agosto de 1895. Cientista social, filósofo e industrial, Engels foi o principal colaborador de Karl Marx, desempenhando papel de destaque na elaboração da teoria comunista, a partir do materialismo histórico e dialético.

Filho de um rico industrial da cidade de Barmen, Engels se impressionou com a miséria em que viviam os trabalhadores das fábricas de sua família. Movido por essa indignação, desenvolveu um estudo detalhado sobre a situação da classe operária na Inglaterra.

Aderiu às ideias de esquerda quando estudante, o que o levou a se aproximar de Karl Marx. Por alguns anos administrou uma das fábricas do pai em Manchester e suas observações nesse período formaram a base de uma de suas obras principais: *A situação das classes trabalhadoras na Inglaterra*, publicada em 1845.

Muitos de seus trabalhos posteriores foram produzidos em colaboração com Marx, inclusive *O Manifesto Comunista*, de 1848. Escreveu sozinho, porém, algumas das obras mais importantes para o desenvolvimento do marxismo, como *Ludwig Feuerbach e o fim da filosofia alemã*, *Do socialismo utópico ao científico* e *A origem da família, da propriedade privada e do Estado*.